

A Escola Politécnica do Rio de Janeiro, fundada em 1874, tem sido de essencial importância na formação de nossa cidade e nosso país. Ela é o berço de vários professores e alunos brilhantes, que são fundamentais para a nossa História, além de ser um reconhecido centro de ciência e conhecimento.

Sua origem remonta à Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, de 1792, na qual foi criada formalmente a primeira cadeira para o ensino da arquitetura civil, materiais de construção, estradas, hidráulica, pontes, portos, canais. Essa cadeira manteve-se na Academia Real Militar, sua sucessora, criada em 1810 por D. João VI, através da Carta de Lei de 04 de dezembro deste ano, onde se formaram grandes expoentes de nossa nacionalidade, como o Duque de Caxias e o Marechal Deodoro da Fonseca.

Instalando-se no prédio antes destinado à Sé Nova, no Largo de São Francisco, a Academia recebia, além dos militares, alguns civis. Com a Independência, transforma-se em Academia Imperial Militar, passando por reformas de currículo, métodos, critérios de admissão e outros, procurando sempre alcançar a excelência. Sempre sendo revista, passa a se denominar Escola Militar em 1839 e Escola Central, se tornando civil e militar, em 1858. A crescente tendência da Escola ao ensino científico mais profundo, aliada as necessidades de especialização e as possibilidades de sua aplicação no país, aumentaram as dificuldades de um ensino conjunto civil e militar.

EM 1874, influenciada pela discussão sobre a necessidade de se estabelecer uma Universidade no país, acontece a definitiva separação da Escola entre os civis e militares. A Engenharia civil continuou sediada no prédio do Largo de São Francisco, sede de muitas das primeiras realizações públicas brasileiras: transmissão telegráfica e iluminação a gás de mamona (1851), iluminação elétrica (1857), produção de chapas de radiografia (1896), mas agora sob o nome de Escola Politécnica. A denominação *politécnica* tem origem no modelo francês da *École Polytechnique*, utilizada em várias instituições de ensino de engenharia da Europa e na América do Norte. A Escola do Rio, porém, já tinha organização e propósitos diversos da de Paris.

José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, lente da antiga Escola Militar e Central e primeiro Diretor da Escola Politécnica (1875-1879), foi o responsável por esta transformação. Sua visão estratégica sobre a importância de estudos teóricos e científicos e da formação de engenheiros civis para o desenvolvimento nacional o levou à contratação de grandes cientistas e à elaboração do novo sistema de ensino da Politécnica.

A engenharia brasileira dos primeiros anos da Politécnica está praticamente toda ela ligada à Escola. Ela teve professores como Paulo de Frontin (Patrono da Engenharia Nacional) e Vieira Souto, sendo eles também ex-alunos da Escola, antes desta denominar-se Politécnica, indicando o prestígio alcançado na sociedade. Foi por intermédio de professores e alunos formados pela Academia ou Escola Militar, ou pela Escola Central e Politécnica que a Escola de Minas e as Politécnicas de São Paulo, da Bahia e de Porto Alegre foram fundadas, disseminando o estudo e a prática da engenharia pelo país.

Em 1920, com a criação da Universidade do Rio de Janeiro, atual Universidade do Brasil/UFRJ, a Escola Politécnica é reunida à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e à Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Esta foi a primeira instituição universitária do país. Em 1937, a Lei 452 de 05 de julho deste ano transforma a Universidade do Rio de Janeiro em Universidade do Brasil, incorporando a Politécnica que passou a chamar-se Escola Nacional de Engenharia, onde se formaram Roberto Saturnino Braga e Mario Henrique Simonsen, entre tantos outros grandes nomes do cenário nacional. A preocupação com o avanço no ensino e no estudo científico não param, e há frequentes revisões no currículo para que ele se adapte melhor às descobertas e aos novos usos da Engenharia. Em 1965, a Escola passa a denominar-se Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e sua sede é transferida para a Cidade Universitária.

Além de todo o mérito acadêmico e científico não podemos esquecer da importância política da Politécnica. É notável a participação de seus alunos e professores nas campanhas abolicionista (André Rebouças fazia parte do corpo docente e foi homenageado na semana do 13 de maio de 1888) e republicana. Além disso, a administração da capital por um ex-aluno, o prefeito Pereira Passos, foi fundamental para a transformação do Rio de Janeiro em uma cidade mais limpa, organizada e urbanizada. Nos anos 20, nomes como Ferdinando Laboriau e Tobias Moscoso, jovens professores da Politécnica, eram alguns dos principais líderes de um Partido Democrático. Este partido procurava estabelecer uma verdadeira democracia no Brasil, através de reformas incluindo o incremento da educação popular.

A Escola, já com o nome de Nacional de Engenharia, combateu a ditadura de Getúlio Vargas, nos anos 1937-1942 e teve importantes manifestações contra o eixo nazi-fascista durante a 2ª Guerra Mundial. Houve também movimentos contra a ditadura militar após o golpe de 1964.

Em 1988 houve um movimento para que o nome da Politécnica substituísse o título de Escola de Engenharia. Este foi importante passo para um retorno às nossas tradições de desenvolvimento nacional, de reformas e progresso, elevando nossa auto-estima e visando possibilitar um crescimento da engenharia no Rio de Janeiro e no Brasil.